

Estudo Preliminar de Adaptação e Validação da ETI para a população portuguesa

Revisão

Resumo

Linguagem demasiado coloquial no Objetivo; no Método, estilo de escrita confuso na descrição dos instrumentos; Resultados e Conclusões, estilo de escrita claro e conciso. Palavras Chave, não parece necessária a repetição: tolerância à infidelidade sexual, tolerância à infidelidade emocional. Pensa-se que “avaliação da tolerância à infidelidade”, seria suficiente.

Introdução

A revisão de literatura cita fontes importantes, mas será um pouco escassa, com ausência de referência a outros instrumentos de avaliação no campo da Infidelidade, nomeadamente: Afonso (2011); Viegas e Moreira (2010); Viegas e Moreira (2013) e Viegas e Moreira (2016). São efetuadas citações secundárias, que, ainda que em escasso número, não parecem justificar-se, dado que o autor conseguirá ter acesso à fonte primária.

São apresentados diversos estudos com resultados contraditórios, o que se afigura interessante, mas faltará reflexão mais aprofundada sobre os mesmos.

Na página 1 a referência à teoria evolutiva não é clara, nomeadamente qual o problema adaptativo que homens e mulheres enfrentam e qual a implicação do mesmo na maior ou menor perturbação da infidelidade sexual *vs* emocional. A definição de *ciúme inato* surge pouco clara, não se percebendo a diferença entre sexos que parece pretender explorar.

Recomenda-se uma revisão das Normas da APA no que concerne ao uso do itálico, nomeadamente quando surge um conceito novo.

Na página 3 são referidos diversos estudos em que são apenas descritos os resultados, com pouca ou nenhuma reflexão crítica sobre os mesmos. Aqui seria um bom momento para se realizar uma integração dos mesmos com os pressupostos da Psicologia Evolutiva, citada atrás.

Na página 4 pode ler-se “Nenhum estudo se debruçou”, considera-se imprudente o uso deste tipo de afirmações. Sugere-se que o autor reformule para algo como “no que é do nosso conhecimento não parecem existir”.

No final da página 5, a definição dos objetivos surge algo confusa, recomendando-se a sua reformulação, enquadrando melhor os resultados dos estudos citados.

Por fim, importará questionar o autor sobre o critério de escolha das variáveis em estudo, nomeadamente a ausência da variável religião, sendo do conhecimento geral a associação entre valores como a compaixão e a religião e a existência de diversos estudos que encontraram associações importantes entre a religião e o grau de religiosidade e a infidelidade (Pereira, Taysi, Orcan & Fincham, 2014; Viegas & Moreira, 2010, 2013 e 2016; Lambert, Fincham & Stanley, 2012; Nath, 2011).

Metodologia

Na secção “Participantes” a linguagem volta a ser demasiado coloquial e a formatação das tabelas deve ser revista, assim como a utilização de negrito nas mesmas.

Na secção “Procedimentos” considera-se desnecessária a referência ao grau de fluência em inglês da autora e orientadora. Por outro lado, não é explicitado o que é o “método de reflexão falada”, nem justificada a sua utilização. Considera-se também que não é clara a forma como “foram explicados os objetivos do estudo” aos participantes. Através de informação na plataforma ou o autor contactou diretamente os participantes? Que cuidados éticos foram tidos neste estudo?

Na secção “Instrumentos” pensa-se que é efetuada uma descrição coerente e concisa dos mesmos. No entanto, sugere-se que seja considerada uma outra forma de apresentação dos valores de alfa, com os mesmos a surgirem associados a cada subescala, o que facilitará a leitura e análise dos mesmos.

Os instrumentos revelaram uma boa consistência interna, com características psicométricas adequadas.

Na secção “Resultados”, a linguagem surge novamente demasiado coloquial “maioria dos itens revelou correlações boas; correlação grande”. As tabelas também precisarão ser revistas no que concerne à formatação e uso de negrito. As referências estatísticas, nomeadamente à significância poderão ser reformuladas, do ponto de vista do estilo de escrita, no sentido de um maior rigor científico.

Pensa-se que seria importante incluir a justificação da escolha dos métodos de análise estatística que foram utilizados, que parecem ainda assim pertinentes e adequados. Na página

12 importa alertar para a linguagem utilizada, nomeadamente nas 3 últimas linhas “deve ser $>0,6$; quando deve ser $<0,05$).

Ainda na página 12, aponta-se na primeira frase da “Análise fatorial”, incoerência plural/singular “quais é que seria a saturação”.

A apresentação dos Resultados segue a ordem apresentada na Introdução, nomeadamente nos objetivos do estudo. As tabelas apresentadas parecem necessárias, necessitando apenas de ser revistas no que concerne à formatação, de acordo com as normas da APA, aspeto que se afigura transversal em todo o manuscrito.

Discussão/Conclusões

Nesta secção reconhece-se o mérito da tentativa de abordar todas as referências que foram citadas na Introdução, comparando os resultados obtidos no presente estudo com os mesmos.

Na página 15, no final onde se lê “escola” pensa-se que deveria constar “escala”. Na última frase “depois de não ser entendível”, não é claro a que se refere o autor?

Pensa-se que esta secção pode ser melhorada com uma maior reflexão sobre os resultados encontrados, apresentando justificações/leituras alternativas para os mesmos, nomeadamente a ausência de diferenças significativas por sexo.

Por outro lado, as correlações negativas entre as dimensões da tolerância à infidelidade e as dimensões de autocrítica e autocompaixão, deixam antever que terão sido negligenciadas variáveis determinantes na tolerância à infidelidade, fragilizando assim a validade externa da investigação e a generalização dos resultados, tal como os autores reconhecem. O estudo não terá assim cumprido os objetivos de conseguir estabelecer relações entre a tolerância à infidelidade e outras variáveis, nomeadamente sociodemográficas, relacionais e relativas às características da infidelidade, discutindo-se também o carácter redutor da classificação “infidelidade emocional vs infidelidade sexual”.

Por fim, pensa-se que seria útil se os autores efetuassem sugestões no que concerne a estudos futuros sobre a temática, nomeadamente com outras variáveis que pudessem fornecer explicações para os resultados encontrados.

Referências

Encontraram-se erros na colocação das referências por ordem alfabética (letras A, M, F, L e N).

Alguns autores estão citados incorretamente como “Drigotas e Bartas” quando se devia ler “Drigotas e Barta”.

A data da referência Glass e Wright surge como 1992 nas referências e no texto como 2002.

Amanto e Previti (2003) na página 4, deveria ler-se “Amato e Previti”; na mesma página onde se lê “Urooq” devia ler-se Urooj.

No texto, página 4, lê-se “Castillo et al., 2011” mas tal não surge na secção Referências.

Na página 9 na referência “Castilho e Pinto Gouveia, 2011” falta referir “a” ou “b”.

Na página 18 surge Shackerford e Buss (1992) e nas Referências a data surge 1997.

Almeida e Freire (2008) surge nas referências, mas não é citado no texto.

Martins et al. (2015) surge nas referências, mas não é citado no texto.